



1. PROLEGÔMENOS



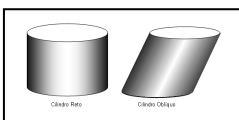
Qualquer pessoa que se dá a meditar na doutrina do pecado, procurando compreendê-la mesmo à luz das Escrituras, inevitavelmente há de se defrontar com a seguinte indagação: qual a origem do pecado? Esta indagação quer a encaremos no contexto da Igreja ou da Teologia, amplia-se numa indagação sobre a origem do mal em todo o mundo. As perturbações da vida e a consciência de algo anormal atuando decisivamente no mundo, conduzem o homem

pensante a essa questão; e inúmeras são as respostas formuladas através da história; respostas nem sempre harmônicas entre si.

Na Bíblia, o mal moral que assola o mundo, normalmente chamado pelos homens de fraqueza, equívoco, deslize, se define claramente como pecado, fracasso, erro, iniquidade, transgressão, contração e injustiça. A Bíblia apresenta o homem como transgressor por natureza.

2. ETIMOLOGIA

* **Pecado.** Do grego ἀμαρτία (hamartía = obliquidade^(*) moral). O conceito do termo pode ser expandido significando: “errar o alvo” (dá idéia de, como um arqueiro que atira, mas erra, do mesmo modo, o pecador erra o alvo no final da vida); “tortuosidade” ou “perversidade” (o contrário da retidão; errar o caminho, como um viajante que sai do caminho certo); “falta” (ser achado em falta ao ser pesado na balança de Deus); “mal” (no sentido de violência ou infração); “transgressão” (literalmente ‘ir além do limite’ - Romanos 4:15. Os mandamentos de Deus são cercas, por assim dizer, que impedem ao homem entrar em território perigoso e dessa maneira sofrer o prejuízo para sua alma); erro (descreve aqueles pecados cometidos como fruto da ignorância, e dessa maneira diferenciam daqueles pecados cometidos presunçosamente, apesar da luz esclarecedora. O homem que desafiadoramente decide fazer o mal incorre em maior grau de culpa do que aquele que apanhado em falta, a que foi levado por sua debilidade).



(*) **Oblíquo**, adjetivo que significa inclinado em relação a uma linha, a um plano, ou seja, torto (cf. figura ao lado).

3. DEFINIÇÃO

O pecado refere-se a uma inclinação interior, rebelião e desobediência, implica incapacidade espiritual, é o cumprimento incompleto dos padrões de Deus, é desalojar Deus. A essência do pecado é o desejo de tomar o lugar de Deus, fazendo as próprias decisões sem importar o mandamento divino (Gênesis 3-4).

Em resumo, pecado é tudo aquilo que é contrário à moral de Deus, ou seja, os Seus atributos. Pecado tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento é considerado uma “brecha” ou “rompimento” das relações entre o pecador e o Deus pessoal. É qualquer falta de conformidade, ativa ou passiva, com a lei moral de Deus. Isso pode ser uma questão de ato, de pensamento ou de disposição. É o desvio da vontade de יהוה (Yahweh), ou seja, a quebra da lei, sendo que יהוה (Yahweh) é a própria lei.

Pecado é transgressão da lei segundo o apóstolo João ‘todo aquele que pratica pecado também transgredir a lei: porque o pecado é a transgressão da lei’ (1João 3:4). Deus precisava satisfazer a lei. A lei não podia ser quebrada sem que o infrator sofresse a sua pena. Os pecadores estão presos a penalidade da lei. Não podem simplesmente sair ilesos, pois isso seria passar por cima da lei e seria contra o próprio caráter de Deus. A lei deve ser cumprida, suas exigências pagas e sua dignidade respeitada.

Deus não pode abolir, ignorar ou deliberadamente passar por cima da constituição moral das coisas que estabeleceu.

Embora Deus no seu grande amor deseje redimir os homens, Ele tem que cumprir seu propósito em perfeita fidelidade com sua própria natureza, sem negar sua justiça, em condições totalmente éticas. Deus não age em determinados momentos por apenas um de seus atributos ou de sua personalidade. Deus age sempre em conformidade com todas elas.

Não existe escapatória em termos de Deus simplesmente transigir em sua lei e ignorar a quebra da mesma por parte do homem.

Ao homem não resta nada a fazer, em face de sua culpa ele está impossibilitado de se salvar ou de se autojustificar, só lhe resta aguardar o julgamento, que é a consequência inevitável do pecado no mundo de Deus. Diante esta incapacidade de se autojustificar que se manifesta a graça de Deus em Cristo.

4. A DIFICULDADE DE DISCUTIR O PECADO

Por mais importante que seja, a doutrina do pecado não é um tópico fácil de discutir em nossos dias. Há vários motivos para isso. Um, é que o pecado, como a morte, não é um assunto agradável ou divertido. Ele nos deprime. Não gostamos de pensar em nós mesmos como pessoas ruins ou más. Mas a doutrina do pecado nos ensina que é isso que somos por natureza.

Não só os indivíduos reagem contra esse ensino negativo, como se difunde, em nossa sociedade, uma ênfase na atitude mental positiva. Essa ênfase quase tem se tornado um novo tipo de legalismo, em que a proibição principal é: “não dirás nada negativo”.

5. PERSPECTIVA BÍBLICA DA NATUREZA DO PECADO.

A Bíblia apresenta uma série de perspectivas quanto à natureza do pecado:

- 1) **Pecado é uma inclinação interior.** Pecado não são simplesmente atos errados, mas também pecaminosidade. É uma disposição interior inerente que nos inclina para atos errados.
- 2) **Pecado é rebelião e desobediência.** A Bíblia entende que todas as pessoas estão em contato com a verdade de Deus. Paulo nota que isso inclui até mesmo os gentios, que, embora não tenham a revelação especial, têm a lei de Deus escrita no coração (Romanos 2:14-15).
- 3) **Pecado implica incapacidade espiritual.** Ao pecar, tornamo-nos como que deformados ou distorcidos. A imagem de Deus segundo a qual fomos criados fica prejudicada. Em Romanos 1, Paulo descreve esse processo.
- 4) **Pecado é o cumprimento incompleto dos padrões de Deus.** Há várias maneiras pelas quais deixamos de atingir os padrões de justiça de Deus. Podemos simplesmente ficar aquém da norma estabelecida ou não fazer, de modo nenhum, o que Deus ordena e espera.
- 5) **Pecado é, como já foi citado na definição, desalojar Deus.** Colocar outra coisa, qualquer coisa, no lugar supremo que pertence a Deus é pecado. Preferir qualquer objeto finito acima de Deus é errado, por mais altruísta que pareça tal escolha.

6. A ORIGEM DO PECADO

O pecado já estava no universo antes mesmo da queda de Adão. Isso é evidente pela presença e pelas alegações do tentador, no jardim do Éden. Satanás ao seduzir a mulher e o homem dizendo que eles seriam como Deus, conhecedores do bem e do mal fez com que se manifestasse a concupiscência existente dentro do homem. Portanto, a narrativa bíblica lança nossa atenção para esse tipo de concupiscência, como sendo a origem do pecado. O pecado não se origina em ação ao acaso, mas procede do coração e da mente.

Todos nós temos certos desejos. Esses desejos, a princípio são legítimos. Além disso, os seres humanos são capazes de escolher entre alternativas – isso porque todo ser humano tem uma série de desejos naturais que, embora bons em si e por si, são áreas potenciais para a tentação e o pecado:

- 1) **O desejo de desfrutar coisas.** Deus plantou certas necessidades em cada um de nós. A satisfação dessas necessidades não só é essencial, como também pode dar prazer.

- 2) **O desejo de obter coisas.** Há lugar para obtenção de posses na organização de Deus. Isso está implícito no mandamento de dominar o mundo (Gênesis 1:28) e nas parábolas sobre mordomia (Mateus 25:14-30).
- 3) **O desejos de fazer coisas.** As parábolas sobre a mordomia também retratam o desejo de realização como algo bom e próprio. Isso faz parte daquilo que Deus espera da humanidade.

O Antigo Testamento não tem muito a dizer a respeito da origem do pecado. Essa opinião é compartilhada pelos teólogos modernos. Para o apóstolo Paulo através da transgressão de um homem, da ofensa de um homem, da desobediência de um homem, deu-se a origem do pecado (Romanos 5:12-21).

7. AS CONSEQÜÊNCIAS DO PECADO PARA ADÃO E EVA

A queda de Adão e Eva, trouxe conseqüências desastrosas não apenas para eles, mas também para toda a humanidade. Entender o que aconteceu com Adão e Eva após o primeiro pecado é chave para compreendermos a situação em que o homem se encontra hoje. Isto porque, Adão não agiu como uma pessoa particular, mas como representante de toda a humanidade.

Ao analisarmos o texto de Gênesis 3:7-24 com um pouco de atenção, conseguimos perceber o seguinte:

Após o pecado Adão e Eva foram dominados por um sentimento de vergonha (versículo 7). Antes tinham consciência da nudez, mas não tinham vergonha (Gênesis 2:25). O resultado de terem comido o fruto proibido, não foi a aquisição da sabedoria sobrenatural, como Satanás havia dito (versículo 5), ao contrário, agora eles descobriram que foram reduzidos a um estado de miséria. Após o pecado eles sentiram o peso de uma consciência culpada. Agora eles reconheciam que pecaram contra Deus, e resolveram fazer vestes de folha de figueira para se cobrirem.

É interessante observar que o texto bíblico afirma que os *"olhos de ambos foram abertos"*. Obviamente que não se trata de olhos físicos porque estes já estavam bem abertos antes, mas trata-se de olhos espirituais, os olhos do entendimento, os olhos da consciência, que agora passam a ver e se acusarem. Eles agora estavam percebendo que a sua condição física espelhava a sua condição espiritual.

Nos versículos de 8 a 10 percebemos que Adão e Eva se escondem ao chamado de Deus. Consciência culpada sempre produz medo e fuga. Pecaram e agora têm medo da sentença condenatória que Deus pode proferir contra eles. O pecado os separou de Deus, rompeu a comunhão com Deus. E é sempre assim. A menos que a obra de Cristo seja realizada em nosso favor, estaremos frente a frente com o juízo de Deus (Hebreus 2:3).

Após o pecado procuraram uma solução inútil para seu pecado. Eles tentam salvar as aparências, ao invés de procurar o perdão de Deus. Fabricando aquelas cintas de folha de figueira, eles estavam tão somente fazendo uma tentativa de acalmar a própria consciência. Hoje em dia também é assim. Os descendentes de Adão têm medo de serem descobertos em suas transgressões. Mas seu objetivo principal não é buscar o perdão, mas sim, aquietar a consciência e fazem isto assumindo o papel de religiosos, parecendo aos outros que estão bem vestidos.

Houve também uma fuga de responsabilidade. Adão tenta encobrir sua culpa, colocando a culpa em Eva, que por sua vez, culpou a serpente. Eles não aceitaram a responsabilidade pelo erro. Ao contrário transferiram a responsabilidade para o outro. Ao invés de reconhecerem o erro eles tentaram arranjar uma justificativa. Adão, por exemplo, chega a ser insolente. Ele não disse: “A mulher me deu do fruto e eu comi...”, mas disse: “*A mulher que Tu me deste...*”. Em outras palavras, Adão disse: “Se tu não me tivesses dado essa mulher, eu não teria caído”.

Nesta sentença que Deus profere contra a mulher, vemos que a maldição foi mitigada. Isto porque, a gravidez era uma bênção visto que a mulher daria à luz e se multiplicaria sobre a terra e o descendente nasceria para pisar a cabeça da serpente. Mas a dor e o desconforto do parto são conseqüências da queda.

Após o pecado, a Terra foi amaldiçoada. A natureza sofre junto com a humanidade, compartilhando assim as conseqüências da queda. As Escrituras descrevem esta maldição em três maneiras:

- 1) **O sustento seria obtido com fadiga.** Assim como a mulher terá seus filhos com dor, o homem haverá de comer o fruto da Terra por meio de trabalho penoso. Antes da queda, o trabalho de Adão no jardim era prazeroso e agradável, mas de agora em diante, seu trabalho, bem como o dos seus descendentes será seguido de cansaço e tribulação.
- 2) **A Terra produzirá cardos e abrolhos.** O cultivo da terra seria mais difícil do que antes. Cardos e abrolhos aqui significam: plantas indesejáveis, desastres naturais, enchentes, insetos, secas e doenças. A natureza foi subvertida com o pecado do homem (Romanos 8:20-21).
- 3) **O trabalho árduo se tornaria a porção do homem.** A vida não seria fácil.

E por fim, após o pecado Adão e Eva foram expulsos da presença de Deus. Estar fora do jardim era equivalente a estar fora da presença de Deus.

8. AS CONSEQÜÊNCIAS DO PECADO PARA A HUMANIDADE

No tópico anterior vimos que a queda trouxe conseqüências desastrosas para Adão e Eva. Mas estas conseqüências não ficaram restritas apenas ao Éden. Toda a raça humana sofre as conseqüências do pecado dos nossos primeiros pais.

Em vista da queda, o pecado tornou-se universal; com exceção do Senhor Jesus, nenhuma pessoa que tenha vivido sobre a terra esteve isenta de pecado. Esta mancha que atinge a todos os homens recebe o nome na teologia de pecado original. Usamos esta expressão por três razões:

- 1) Porque o pecado tem sua origem na época da origem da raça humana. Em outras palavras, é pecado original porque ele, se deriva do tronco original da raça.
- 2) Porque é a fonte de todos os pecados atuais que mancham a vida do homem.
- 3) Porque está presente na vida de cada indivíduo desde o momento do seu nascimento.

O pecado interrompeu a íntima comunhão que havia entre Deus e o homem. Deus convivia com o homem, em comunhão e cooperação maravilhosa (Gênesis 2:18-19). Porém quando Deus, após a queda, veio entre as árvores do jardim (Gênesis 3:9), a pergunta de Deus foi: “onde estás” (Gênesis 3:9). Mostra que a atitude de Deus com Adão era agora diferente. A Bíblia diz “as vossas iniquidades fazem divisão entre vós e o vosso Deus” (Isaías 59.2; cf. Provérbios 15:29; Jeremias 5:25).

O pecado deixou Adão e Eva despidos diante de Deus (Gênesis 3:7). Antes da queda, eles também estavam nus (Gênesis 2:25), porém cobertos da glória da presença de Deus (Salmo 104.2; 1Timóteo 6:16). Quando caíram em pecado, “foram abertos os olhos de ambos e conheceram que estavam nus” (Gênesis 3:7).

O impacto do pecado tem várias dimensões. Há efeitos sobre o relacionamento do pecador com Deus e com os outros homens. E o pecado também afeta o próprio pecador. Algumas conseqüências do pecado podem ser chamadas “conseqüências naturais”, ou seja, sucedem-se ao pecado numa seqüência automática de causa e efeito. Outras são especificamente ordenadas ou dirigidas por Deus, como penalidade pelo pecado.

Deus, mesmo amando o homem, desaprova totalmente o pecado, pois sua natureza é de santidade e essa santidade rejeita o pecado automaticamente. Pelo que já consideramos, é evidente que Deus olha o pecado com desfavor, aliás, que o pecado lhe causa ira, indignação ou desprazer. Sua rejeição e indignação em relação ao pecado estão evidentes nos escritos de Paulo. Em Romanos 5:8-10 fica claro que nós enquanto pecadores nos opomos a Deus de tal maneira que nos tornamos seus inimigos. A palavra “inimigos” deve ser entendida no sentido passivo: considerados assim por Deus, visto que ainda não tínhamos sido reconciliados com ele. A ira de Deus repousa sobre o pecado e os que o pratica, mas segundo Romanos 5:9 que diz: “visto, pois que já fomos justificados por seu sangue, muito mais seremos salvos da ira por meio dele”.

9. A ÁRVORE DO CONHECIMENTO DO BEM E DO MAL

Um dos maiores enigmas que temos na humanidade é o enigma do mal. Aliás, o mal é um dos principais problemas da filosofia. Por que existe a maldade? Como explicar a presença do mal entre

nós? Por que o mundo é um lugar de terror, de ódio, de desgraça? Por que o mundo é um lugar de tanto sofrimento? Por que especificamente hoje, existe uma maldade tão grande entre homens?

Uma filósofa francesa chamada Simone Weil (1909-1943) afirmava que o mal, só é tolerado por nós, porque ele é diluído no tempo e no espaço. Nós sofremos tanto, mas o nosso sofrimento é “espalhado”. E é por isso que nós agüentamos o sofrimento.

A questão sobre a existência do mal é algo tão sério, que um filósofo inglês, chamado David Hume (1711-1776), fez a seguinte afirmação: “Se Deus gostaria de prevenir o mal e não conseguiu, é porque Ele é impotente. Mas se Deus é capaz de prevenir o mal e não o faz, é porque Ele é maligno”.

Ora, se existe Deus e nós acreditamos que Ele é bom, e é onipotente, de onde vem o mal? Como ele acontece? Por que nós não conseguimos fazer o bem? Por que possuímos uma tendência para o mal? Por que dentro do nosso coração há uma vontade louca de fazer o que não gostamos, e que sabemos que é errado? Sobre esse assunto vamos pensar juntos.

O mal só existe se nós formos livres. Por que existe maldade na humanidade? Porque nós somos livres. Quando Deus criou o Adão e a Eva, eles foram o único ser que Deus criou com a capacidade de ser livre. E o preço que Deus pagou para ter seres semelhantes a Ele, isto é, seres livres, foi fazê-los com a capacidade de praticar o mal.

A liberdade é sempre inerentemente boa. Mas junto com a liberdade existe uma possibilidade tremenda de se praticar e fazer o que é indigno. E liberdade é extremamente perigosa. Se Deus tivesse nos criados como robôs ou marionetes, o mundo seria seguro. O mundo só é perigoso porque nós somos livres.

Quando Deus nos criou, Ele o fez para um relacionamento. E a única possibilidade de nos relacionarmos uns com os outros, é se formos livres; um dos atributos do amor é a liberdade – sem liberdade não existe o amor. Então Deus criou o homem e a mulher para que eles se relacionassem; e o risco que Deus correu; o perigo a que Ele se expôs quando criou seres livres, é que aqueles seres que Ele criou livres, tivessem a possibilidade tanto de fazer o bem como o de fazer o mal. Porque é nessa liberdade que se dá o relacionamento. Caso contrário, Deus teria criado “bichinhos adestráveis”. Mas bichinhos adestráveis não se relacionam em igualdade; pois isso só acontece quando há liberdade.

A liberdade foi um presente de Deus para a humanidade. Ela é o direito de fazer o mal e Deus deu isso a cada um de nós. Mas o que Deus não deu, foi o direito de praticá-lo. Nós temos o direito de poder fazer o mal, mas não temos o direito de executá-lo e concretizá-lo.

Outro ponto importante que podemos destacar é que o mal só existe na racionalidade. O mal não existe na irracionalidade. Ele não se dá na inocência mas, sim, por causa do diálogo. A maldade em nós nunca é sem querer; a maldade em nós é sempre por causa do nosso querer. O mal nunca é fruto da

ignorância – pelo contrário, o mal é fruto muitas vezes por causa da nossa astúcia. E por acharmos que às vezes o mal é necessário, corremos o risco de cada vez mais achar necessário e cada vez menos achar que algo é mal.

O mal não é só um desejo que se cumpre, mas é estar disposto a pagar o preço para que o desejo se concretize. O que não percebemos é alguém pode ter o controle sobre o que faz, mas ninguém tem o controle sobre as conseqüências do que faz, ninguém controla os desdobramentos dos seus atos.

A “árvore do conhecimento do bem e do mal” foi colocada no jardim para prover um teste pela qual o homem pudesse, amorosa e livremente, escolher servir a Deus e dessa maneira desenvolver seu caráter. Sem vontade livre o homem teria sido meramente uma máquina. Além disso, só é possível praticar o bem, se houver possibilidade (não confundir com permissão) de se praticar o mal.

A árvore da ciência do bem e do mal fosse o que fosse a natureza exata desta árvore, literal, figurada ou simbólica, o pecado de Adão e Eva, em parte, foi essencialmente este: a transferência da direção das suas vidas, de Deus para eles mesmos. Deus lhes dissera em substância, que podiam fazer tudo que quisessem, EXCETO aquilo só. Foi um teste de obediência para eles. Para concluir, a “árvore proibida” era a fonte para o homem ser conhecedor de todas as coisas, o bem e o mal. Através dela Adão e Eva (que já conheciam o bem, pois, conheciam a Deus), passaram a conhecer, também, tudo aquilo que é oposto a Deus, ou seja, o mal.

10. A IRA DE DEUS

O apóstolo Paulo dá expressão a este conceito de castigo pela frase: “a ira de Deus”. Com certeza essa é a expressão mais radical que encontramos em Paulo no que diz respeito a conseqüências do pecado (Romanos 2:5). Este termo é pessoal, mas não se refere tanto a uma emoção da parte de Deus, como a uma atividade divina, é algo muito compreensivo, pois expressa a idéia de castigo na sua inteira extensão. “A penalidade do pecado não parte do amor e misericórdia do legislador, mas, sim, da sua justiça.” Logo tal termo está relacionado com a santidade e justiça de Deus. A “ira de Deus” também é apontada por expressões como “indignação”, “tribulação e angústia” de Romanos 2:7 que expressam muito mais do que apenas uma emoção. Com certeza não se trata de uma vingança desenfreada e arbitrária, pelo contrário “a ira de Deus” está determinada pela sua justiça e santidade. Paulo apresenta muitas vezes no mesmo contexto “a ira de Deus” e seu “justo juízo” como idéias sinônimas.

A realidade da “ira de Deus” não é apenas uma verdade escatológica como em Romanos 2:5, uma possibilidade, mas também uma realidade presente (Romanos 1:18). Paulo quer mostrar a força do evangelho aos leitores, de um lado a realidade escatológica, irrompendo coma justiça e absolvição e por outro a ira e execução do juízo. Tal ira serve para demonstrar que a salvação e a vida só são possíveis no caminho da justiça proclamando o evangelho.

Paulo por diversas vezes declara aos legalistas da época que o conhecimento da lei não os permitirão escapar da “ira de Deus” por simples mérito das obras da lei. Para o legalista a “ira de Deus” é só uma possibilidade, mas através de Cristo fica muito claro que Deus deixa cair o seu juízo sobre o pecado (Romanos 3:26). E é impossível substituir a justificação pessoal de Cristo pelas obras da lei. A realidade da “ira de Deus” é uma das razões mais urgentes que levam Paulo a persuadir os homens a se reconciliarem com Deus (2 Coríntios 5:11). Por fim Paulo visa à revelação da “ira de Deus” na existência humana que se encontra debaixo do poder do pecado.

11. A MORTE CAUSADA PELO PECADO

Uma das conseqüências mais óbvias do pecado é a morte. Essa verdade é destacada na declaração em que Deus proíbe Adão e Eva de comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 2:17). O apóstolo Paulo, em Romanos 6:23, argumenta que, como os salários, a morte é um pagamento adequado, uma justa recompensa por aquilo que fizemos.

O pecado tem como conseqüência a morte, não só como conclusão, mas também como resultado. Portanto a morte não é só um castigo que põe fim a vida, mas também uma condição na qual o destino de uma vida sem Cristo se transforma. Isto se aplica a morte ao final da vida terrena. É “corrupção” (Gálatas 6:8) e “destruição” (Romanos 9:22).

O pecado provoca a morte porque não consiste em ações isoladas que permitam que o ser humano siga sendo o mesmo. Mas é um poder que de tal maneira corrompe o homem diante de Deus, que não se pode fazer outra coisa se não pecar (Romanos 8:7). Mesmo o temor que surge em seu interior (Romanos 8:15) e a tristeza que lhe causa não podem eliminar esta condição, se não só provocar mais morte (2 Coríntios 7:10).

Em Romanos 7:24, Paulo pede libertação “do corpo desta morte”, ou possivelmente de “corpo de morte”. De qualquer maneira que seja traduzida, o contexto deixa claro que Paulo fala de uma condição de morte que já começou. Em seu livro, “Comentário do Novo Testamento – Romanos”, William Hendriksen confirma: “com isso em mente, ele roga para que seja resgatado do corpo em sua presente condição, sujeito às devastações do pecado e da morte”. Essa morte que merecemos, e de que fala o apóstolo Paulo, possui três dimensões:

- 1) **Morte física** – Eclesiastes 12:7. A mortalidade de todos os homens é tanto um fato óbvio como uma verdade ensinada pelas Escrituras.
- 2) **Morte espiritual** – Romanos 6:23; 5:12. A morte espiritual é a separação da pessoa, em toda a sua natureza, de Deus. Deus, sendo um ser perfeitamente santo, não pode desdenhar o pecado nem tolerar sua presença. Assim, o pecado é uma barreira para o relacionamento entre Deus e os seres humanos.

- 3) **Morte eterna** – Mateus 25:46. A morte eterna é, num sentido muito real, a extensão e a finalização da morte espiritual sobre a qual acabamos de tratar. Se alguém chega à morte física estando ainda espiritualmente morto, separado de Deus, esta condição torna-se permanente.

12. A DEPRAVAÇÃO TOTAL

A corrupção abrange todas as partes da natureza do homem, todas as faculdades da mente e do corpo, absolutamente não há no pecador bem espiritual algum, isto é, bem com relação a Deus, mas somente perversão. Em seu livro “Teologia Sistemática”, Louis Berkhof afirma que: “a verdadeira harmonia da vida se acha num estado de dissolução que freqüentemente leva consigo os sofrimentos mais pungentes e não só isso, mas, com o homem e por casa dele, toda a criação ficou sujeita a vaidade e escravidão da corrupção”.

Por isso pecador não regenerado não pode praticar nenhum ato, por mais insignificante que seja, que fundamentalmente obtenha a aprovação de Deus e correspondam as exigências da sua santa lei. O homem não pode mudar sua preferência fundamental pelo pecado e por si mesmo, trocando-a pelo amor a Deus. De maneira geral ele é incapaz de realizar qualquer bem espiritual (Romanos 7:18,24; 8:7-8).

13. EFEITOS DO PECADO SOBRE O PECADOR

Embora os primeiros efeitos do pecado estejam em nosso relacionamento com Deus, é vital investigarmos as outras dimensões afetadas pelo pecado. O pecado tem conseqüências para a pessoa que o comete.

13.1. Escravidão. O pecado tem um poder escravizador. Ele torna-se um hábito ou até vício. Um pecado leva a outro pecado.

13.2. Fuga da realidade. O pecado também resulta em falta de disposição para encarar a realidade, fazendo com que as conseqüências do pecado não sejam vistas de modo realista.

13.3. Negação do pecado. Acompanhando a nossa negação da morte, vem a negação do pecado. Há várias maneiras de negar o pecado. Ele pode receber outro nome, de modo a não ser reconhecido como tal. Pode ser considerada uma questão de doença, privação, ignorância ou, talvez, no máximo, um desajustamento social.

13.4. Autoengano. É o problema que está por trás quando negamos o pecado. Enganamos-nos antes de enganar os outros.

13.5. Insensibilidade. Quando continuamos a pecar e rejeitamos os conselhos e as condenações de Deus, tornamo-nos cada vez menos sensíveis aos chamados da consciência.

13.6. Egocentrismo. Um crescente egocentrismo também resulta do pecado. Em muitos aspectos, pecar é entregar-se a si mesmo, fato confirmado pela prática.

13.7. Inquietação. Por fim, o pecado muitas vezes produz inquietação. Há certo caráter de insaciabilidade no pecado. A satisfação completa nunca ocorre. Embora alguns pecadores possam ter relatividade por um tempo, o pecado acaba perdendo sua capacidade de satisfazer.

14. O CRISTÃO E O PECADO

Em Colossenses 3:3, ao referir-se ao ato de despir-se e vestir-se (ato também descrito em Efésios 4:20-24), Paulo retrata algo que já aconteceu na vida do homem, assim que ele se converteu a Jesus: houve o abandono de práticas carnis e a apropriação de uma nova vida em Cristo.

Para Paulo, algo é muito claro em sua teologia: O cristão é uma nova criatura. Ele morreu para sua velha vida “pois vocês morreram...” (Colossenses 3:3a).

Paulo cita uma série de comportamentos e sentimentos que são concernentes à velha vida – “... imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a ganância, que é idolatria”. (Colossenses 3:5) - e não cabem mais às pessoas nascidas de novo e cuja vida “está oculta juntamente com Cristo, em Deus” (Colossenses 3:3b), e é enfático em dizer que tais coisas devem ser deixadas de lado.

O apóstolo dá instruções para a comunidade. Estas instruções visam o crescimento espiritual em Cristo para melhor desenvolvimento de uma vida cristã. Pois Paulo sabe que a falta de um desenvolvimento espiritual sadio pode causar um “efeito colateral” que pode ser evidenciado com práticas errôneas como as citadas acima (imoralidade sexual, impureza, paixão...), ou qualquer outra coisa que se torne prioridade na vida do cristão.

Da mesma forma que Paulo constata que morremos nestes textos vistos acima, em Romanos ele prossegue falando sobre a possibilidade de continuar vivendo no pecado mesmo já tendo morrido para ele.

“De modo nenhum! Nós que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?” (Romanos 6:2)

A liberdade encontrada na graça de Cristo estava sendo confundida com libertinagem, e este mesmo problema Paulo tratara em Corinto. A questão central da tese de Paulo é “como podemos viver em algo para o qual já morremos?” Aqui a afirmativa de Paulo acerca da morte para o pecado pressupõe que é um ato já acontecido e completo no passado, não sendo portanto um “convite” à morte para o pecado. Isso decreta a impossibilidade da continuidade de vida no pecado

No capítulo 5 da carta aos Gálatas, Paulo descreve o conflito vivido entre novo homem em Cristo e a sua natureza pecaminosa. No versículo 13 Paulo deixa claro que ao cristão foi outorgada a liberdade em Cristo, em sua nova vida. Em seu livro, “A mensagem de Gálatas”, John R. W. Stott afirma que: “a

liberdade cristã é liberdade do pecado, não liberdade para pecar. É uma liberdade irrestrita para aproximar-se de Deus como seus filhos, não uma liberdade irrestrita para chafurdar em nosso egoísmo.”.

Então, o crente se submetendo a Cristo, não deverá “deslizar” da liberdade para a libertinagem. Enfatizando assim entre os versículos 13 e 15 que esta liberdade está centrada no autocontrole e no serviço ao próximo em amor.

Mas a partir do versículo 16, Paulo exorta aos nascidos de novo para que conservem esta liberdade “andando no Espírito” para que “não satisfaçam às vontades da carne”. – Uma espécie de “manutenção da nova vida”, que só pode ser operada pelo Espírito Santo.

Nos versículos 19 a 23 o apóstolo traz duas listas: uma concernente às obras da carne e outra ao fruto do Espírito.

Entende-se que Paulo utilizou a metáfora “fruto”, porque o fruto é produzido naturalmente pela árvore. Se o homem, nascido de novo, se colocar em submissão ao Espírito Santo, ele terá condições de desenvolver este fruto em sua vida, naturalmente.

Paulo indica que no versículo 16, através da expressão “andai no Espírito” – que tem o sentido de “portar-se dessa maneira” – que deve ser uma atitude contínua no decorrer da vida cristã. Pois somente andando no Espírito, seremos capazes de refletir o próprio caráter de Deus.

Isto nos leva a refletir sobre nossa liberdade em Cristo e qual o estímulo que temos para darmos continuidade na nossa caminhada com Cristo.

“Sabendo isto: que o nosso velho homem foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado. Porque aquele que está morto está justificado do pecado” (Romanos 6:6-7)

O corpo do pecado a ser destruído refere-se à natureza pecaminosa e não regenerada, o velho Adão. E quem morreu (aoristo, indicando morte no passado, sendo vista como um todo acontecido) com Cristo está justificado de seus pecados diante dos olhos de Deus.

Para Paulo, existia uma importância vital que o cristão glorificasse a Deus através de sua vida, pois para ele o cristão é templo ou habitação do Espírito de Deus. Paulo deixa explícito este pensamento nos versículos 19 e 20 do capítulo 6 de 1 aos Coríntios. O contexto dos versículos fala sobre pecados cometidos na área sexual. Mas Paulo, no versículo 17 ao dizer que “... aquele que se une ao Senhor é um espírito com Ele”, está lidando com a doutrina do Antigo Testamento de que Deus é casado com o povo da sua aliança, aplicando a analogia do casamento de Gênesis 2:24. Ao aplicar esta analogia, Paulo não pode afirmar que Deus é “uma só carne” com seu povo, mas pode afirmar que ambos são “um só espírito”, assim como relação entre marido e esposa, ambos estão ligados pelo casamento.

Da mesma maneira os cristãos têm de honrar seus próprios corpos, pois agora servem de habitação para o próprio Deus. Assim como no versículo 4 do capítulo 7 Paulo afirma que marido e mulher não pertencem mais a si mesmos, mas agora um ao outro; assim é que o cristão agora não pertence mais a si mesmo: “Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?” Mediante a um preço tão alto pago por Deus, é que Paulo diz: “... agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo”.

“Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus, nosso Senhor. Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências.” (Romanos 6:11-12)

O ato de considerar-se aqui não se trata de um mero exercício mental, mas sim de uma experiência de vida caracterizada pelo cotidiano. É uma exortação à encarnação deste princípio fundamental em suas vidas. Em geral, o presente do imperativo ordena que continue uma ação que já começou, sem levar em conta o seu tempo de duração. A conseqüência lógica disso seria a insubmissão ao pecado. A palavra grega que designa a dominação do pecado aqui leva consigo o sentido de reinado, um domínio real, que é demonstrado na figura do Rei e seu súdito ou do Senhor e seu escravo. É justamente contra isso que Paulo escreve, incentivando seus leitores a desfrutarem da libertação e da liberdade que a graça de Cristo pode lhes dar.

15. CONCLUSÃO

O apóstolo Paulo defende ao longo de seus escritos a herança que recebemos de/em Adão em seu pecado. Vimos o homem em sua condição de “velha natureza” na qual ele está/é completamente dominado pelo pecado, e sofre suas conseqüências. O cerne do pecado de Adão é a tentativa de ser independente de Deus. Observamos também a unidade do homem em Jesus Cristo. Este vem como o “segundo Adão”, perfeito e infalível em sua vida e obra, a fim de sinalizar o Reino que está por vir e dar uma nova chance à criação. Nele encontramos tudo o que havíamos perdido no primeiro Adão: justificação, graça, vida, liberdade, entre outros.

A herança deixada pela natureza do primeiro Adão trouxe consigo conseqüências, as quais sofremos mesmo tendo em nós a natureza de Cristo. Romanos afirma que o homem está destituído da glória de Deus, ou seja, a imagem e semelhança daquele que nos criou foi perdida, deturpada. O propósito inicial da criação foi alterado. A vida que Deus havia planejado se transformou em morte; a liberdade se transformou em escravidão; a intimidade com o Criador se transformou em uma tentativa freqüente de independência.

A única possibilidade de mudança para essa humanidade decadente é o a salvação em Cristo. Há uma constante luta entre a carne e o Espírito, na qual a carne nos influencia, porém o poder do Espírito que habita nos cristãos é muito maior em sua eficácia. Este poder do Espírito já habita (desde a conversão) em todos os cristãos (carnais ou não) em sua total plenitude. Para que possamos usufruir desse poder,

precisamos desenvolver a nossa salvação, pois o poder está em nós “em potencial”. Esta é a capacitação que o Espírito Santo nos oferece. Paulo utiliza por vezes o termo “andar no Espírito” para descrever o “padrão de vida” que o cristão deve levar rumo à maturidade espiritual. Para isso deve abandonar praticas da “velha vida” (despir-se) e adotar características da “nova vida” (vestir-se).

A motivação para viver desta forma deve estar no fato de que agora somos um só espírito com Deus, moradas do Espírito Santo, morremos com Cristo, e com ele ressuscitaremos. Morremos para o pecado, e assim devemos viver.

BIBLIOGRAFIA

- BANCROFT, Emery H.. *Teologia Elementar; Doutrinária e Conservadora*. São Paulo: IBR, 1966. 43-45, 101, 109, 114-115, 118 p.
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. 720 p.
- CHAMPLIN, Russel Norman. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia*. Trad. J. M. Bentes. 7. ed. São Paulo: Hagnos, 2004. 1037 p.
- COENEN, Lothar & BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento – Volume II (N-Z)*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 1531-1532 p.
- DOUGLAS, J.D.. *O novo dicionário da Bíblia*. Trad. João M. Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 1680 p.
- ERICKSON, Millard J.. *Introdução à Teologia Sistemática*. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. 540 p.
- VINE, W. E.. *Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento*. Trad. Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.